



Secções

- [Primeira Página](#) ▾
- [Editorial](#) ▾
- [Destaque](#) ▾
- [Grande Porto](#) ▾
- [Norte](#) ▾
- [Opinião](#) ▾
- [Política](#) ▾
- [Sociedade](#) ▾
- [Economia](#) ▾
- [Internacional](#) ▾
- [Desporto](#) ▾
- [Cultura](#) ▾
- [Humor](#) ▾
- [Última](#) ▾
- Serviços**
- [Títulos](#)
- [Inquéritos](#)
- [Fóruns](#)
- [Horóscopo](#)
- [Tempo](#)
- [Jogos de sorte](#)
- [Arquivo](#)
- [Galeria](#)
- [Imagens](#)
- [Suplementos](#)
- Especiais**
- [Conheça-nos](#)
- [Conheça-nos](#)
- [Localização](#)
- [Assinaturas](#)
- [Tabela Publicidade](#)



Investigadores de acordo com estudo económico de Daniel Bessa

IPATIMUP e IBMC pretendem fundir-se numa fundação privada e sem fins lucrativos
Proposta para recuperação das zonas deprimidas sugere "clusters" na Saúde e produção de equipamentos

LÍGIA CANDEIAS E MARLENE SILVA

As conclusões obtidas no estudo coordenado por Daniel Bessa a pretexto do relançamento da economia do Grande Porto não podia ter tido melhor acolhimento junto de investigadores da Universidade do Porto, cujas áreas (Saúde e produção de equipamentos) são citadas no documento. Se é consensual a ideia de que os institutos ligados à Saúde, aos níveis do ensino e da investigação, são áreas de excelência na região e, por isso, potenciadores de desenvolvimento, não é menos certo que a aposta no sector, na prática, não se tem verificado. Especialistas contactados, ontem, pelo COMÉRCIO concordam com os caminhos sugeridos por Bessa para promover o desenvolvimento económico.

O economista defende, no referido estudo ontem divulgado pelo jornal Público, a criação de um "cluster" (conjunto de empresas a interagirem numa relação de complementaridade) na área da Saúde. Uma sugestão com a qual Mário Sousa, investigador em biologia celular de reprodução do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS), não poderia estar mais de acordo. É que o problema no Porto, pelo menos na área da biotecnologia é que, apesar de os principais centros de saber não serem rivais, trabalham separadamente.

O especialista invoca a pretensão de Sobrinho Simões, director do IPATIMUP (Instituto de Patologia e Imunologia Molecular) e de Alexandre Quintanilha, director do IBMC (Instituto de Biologia Molecular e Celular), de fundir as duas estruturas numa única fundação, privada e sem fins lucrativos. "Se o fizerem, ficarão com uma equipa de cerca de 300 investigadores e ganham grande vantagem nas candidaturas a programas-quadro da União Europeia", refere. Mário Sousa só vê "vantagens nesse tipo de colaboração", mas, alerta, as empresas farmacêuticas devem estar envolvidas.

José Amarante, director da Faculdade de Medicina do Porto, também é defensor das parcerias na área da Saúde. O professor entende que a falta de verbas é um dos principais problemas a ultrapassar, o que seria possível investindo em determinadas áreas. Na investigação em biotecnologia, por exemplo, já que é uma área em que a Universidade do Porto "é muito forte".

Uma maior interligação entre investidores e investigadores e depois com a indústria é algo que "não existe" e que deve ser uma aposta, avisa.

Empresas portuguesas não procuram centros de saber
Outro "cluster" cuja constituição é defendida por Daniel Bessa é na área da produção de equipamentos, na qual o Porto já tem "experiência" e "competências instaladas". Porém, se as multinacionais possuem essa

SERVIÇOS

- [Enviar esta página](#)
- [Imprimir esta página](#)
- [Contactar](#)

[Anterior](#) [Voltar](#) [Seguinte](#)



ASSINAT

Pesquisa

Notícias de

[Arquivo](#)

[Na Intern](#)

Inquérit

» Qual o me
Primeiro-Mi

José So

Santana

outros

Outros
inquérit

FAÇA-NOS
SUA PAGIN
PRINCIPA
RECOMEND
A EDIÇÃO
DIGITAL

percepção, procurando os centros de saber mal se instalam em Portugal, o mesmo não acontece com as empresas portuguesas, refere Barata da Rocha, director do Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial.

"Para as empresas nacionais, a investigação não é prioritária, embora o devesse ser". Além disso, julgam que são líderes de mercado, quando esse estatuto obriga a uma dinâmica constante de procura de novos produtos e tecnologias. A interacção entre indústrias também não existe na região, o que é mau porque "permitiria aos centros de saber direccionar a investigação para as áreas mais procuradas".

A cooperação no tecido industrial e entre este e a Universidade é ainda defendida por Vladimiro Miranda, director do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, para quem, enquanto não houver a ideia de consórcio, o Porto "não vai a lado nenhum".

Os "conselhos" de Daniel Bessa

De acordo com o estudo coordenado pelo economista Daniel Bessa, no âmbito do Programa de Recuperação de Áreas e Sectores Deprimidos (PRASD), noticiado ontem pelo jornal "Público", a recuperação da economia na região do Grande Porto terá que passar, obrigatoriamente, pela aposta na saúde. Sublinhando a qualidade das várias unidades hospitalares existentes e, principalmente, do sistema de ensino e de investigação, em que o Porto é rico, o documento sugere a criação de um "cluster" (conjunto de empresas a interagirem numa relação de complementaridade) na área da Saúde. As faculdades de Medicina e Farmácia, o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) e a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica, considerados "âncoras de desenvolvimento", poderiam então estabelecer parcerias com empresas como, por exemplo, a farmacêutica Bial, a Lactogal, Unicer e RAR (indústrias alimentares).

Daniel Bessa preconiza ainda a constituição de um "cluster" na área da produção de equipamentos, nomeadamente máquinas e aparelhos eléctricos, aproveitando a "experiência" e "competências" instaladas na Invicta, com grandes empresas que, no entanto, funcionam "de modo relativamente isolado". O economista defende então a "incorporação do conhecimento" nas empresas, que poderia provir de parcerias com a Faculdade de Engenharia do Porto e institutos como o INEGI (Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial) e o INESC (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores). "Conselhos" de Daniel Bessa para o renascimento económico do Grande Porto, altamente prejudicado pela "concentração de serviços em Lisboa", refere ainda o documento.

A voz dos interessados

MÁRIO DE SOUSA: INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR

"Este é caminho a seguir"

"A constituição de parcerias entre empresas, universidades e centros de investigação é o caminho a seguir. Na área da Saúde, esse é um plano para cinco a dez anos. A ideia, já lançada por Sobrinho Simões e Alexandre Quintanilha, é uma boa saída, e só vejo vantagens nesse tipo de colaboração. Mas depois há que fazer uma avaliação rigorosa dos resultados. Não podemos continuar a queixarmo-nos de que Lisboa fica sempre com 60 por cento das verbas para a investigação. A distribuição tem que ser feita de acordo com o mérito. Quem produz mais, tem que ganhar mais".

JOSÉ AMARANTE: FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

Centralismo em Lisboa prejudica investigação

"A Saúde, desde a faculdade aos laboratórios BIAL, é uma área a desenvolver, porque tem tecnologia de ponta. Contrariamente ao que acontece no meio empresarial, a ligação entre investigação e indústria existe na medicina, porque a maioria dos investigadores são médicos e têm um pé em cada lado. Um triângulo entre as faculdades de Medicina e Engenharia e os BIAL deverá ser uma aposta. É preciso investir na investigação. Falha a [falta de] regionalização. Quando vou a Lisboa encontro sempre os investigadores em trânsito a tentar arranjar verbas".

VLADIMIRO MIRANDA: INST. DE ENGENHARIA DE SISTEMAS E COMPUTADORES
"Empresas devem ter visão de consórcio"

"Temos uma história de colaboração com alguns sectores empresariais. O do calçado tem sido um exemplo, porque teve a visão estratégica de inovação. Essa cooperação tem produzido frutos, nomeadamente as indústrias fabricantes de equipamentos para o sector passaram a procurar soluções mais eficazes e, agora, em vez de importarem tecnologias usadas no estrangeiro, acontece o contrário. Em outros sectores isso não acontece. Se as empresas não tiverem visão de consórcio, envolvendo centros de saber e criação de novas indústrias, não vamos a lado nenhum".

BARATA DA ROCHA: INST. DE ENGENHARIA MECÂNICA E GESTÃO INDUSTRIAL
"Portugueses julgam estar na vanguarda"

"Temos mantido uma colaboração com as empresas multinacionais, que procuram os centros de saber. Com as indústrias nacionais isso não acontece, porque grande parte delas passou por períodos económicos difíceis e a procura de novos produtos, bem como a aposta em tecnologia foi sendo adiada para a altura em que os problemas financeiros fossem saneados. Uma empresa para sobreviver tem de ser dinâmica e não pode estar convencida que é líder de mercado. Muitas empresas nacionais julgam que estão na vanguarda e isso deve ser uma procura constante".

[↑ Início](#)



O Comércio do Porto é um produto da Editorial Prensa Ibérica. Fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial dos conteúdos oferecidos através deste meio, salvo autorização expressa de O Comércio do Porto